

# “TÁ PENSANDO QUE TRAVESTI É BAGUNÇA?!” – NARRATIVAS SOBRE TRAVESTILIDADE EM TRÊS PROGRAMAS DA TV BRASILEIRA

Tiago Sant’Ana

## Resumo

Este texto pretende analisar as narrativas e as representações sobre as travestis e sua vinculação estrita com as profissões do sexo em três programas jornalísticos da televisão brasileira. Para ancorar essa discussão, é estabelecido um diálogo entre a teoria queer, as teorias do jornalismo e os estudos culturais. Um debate mais profundo sobre a temática será realizado com uma análise comparativa da abordagem das travestis nos três programas: Profissão repórter, A liga e Conexão Repórter. Partimos dos conceitos de *performatividade* e *abjeção* de Judith Butler para questionar a maneira como a travestilidade foi abordada nos programas.

**Palavras-chave:** Travestis – Representação – Teoria Queer

## “O que você quer de mim?” - Introdução

O corpo é apresentado como uma referência de determinação dos lugares sociais e da posição de determinados sujeitos nos enlaces relacionais da sociedade. Suas características se tornam *marcas* que o identifica e hierarquiza como importante ou não. Através de processos reiterativos e ritualizados, as sociedades regulam e materializam o sexo dos sujeitos para que obedeçam a uma ordem baseada no cânone heterossexual. Contudo, Judith Butler (2000) afirma que esses corpos nunca se conformam integralmente às normas – e, dessa maneira, nunca aderem completamente à materialização que lhe é imposta.

Partindo desses princípios, datamos a mídia como um órgão que também contribui nesse processo de propagação de discursos sexuais normativos. Quem burla a ordem, torna-se objeto de regulação dos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, que o jornalismo pode ser entendido na contemporaneidade como um marcador simbólico de valores. Concepções de sexualidades e gêneros são narradas e representadas cotidianamente

– reforçando binarismos, tornando corpos abjetos, “cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante” (PRINS; MEIJER, 202, p. 161).

Neste artigo, tentamos perceber como o processo de representar do jornalismo acaba propagando discursos sexuais hegemônicos na sociedade brasileira ao analisar reportagens sobre travestilidade em três programas da televisão brasileira: *Profissão repórter*, *A liga* e *Conexão repórter*.

A escolha dos programas se deu pela sua veiculação no meio de comunicação mais popular do Brasil: A televisão. Além disso, os programas são veiculados numa das principais emissoras de TV do Brasil – Globo, Bandeirantes e SBT. Portanto, supõe-se aqui que eles têm uma abrangência massiva na sociedade brasileira.

O lócus de pesquisa desse texto é uma edição de cada programa. As travestis e sua representação estrita com o dinheiro e a profissão do sexo é o universo de investigação aqui adotado. Para além desses fatores, pretende-se também dar conta das discussões acerca da sexualidade dessas pessoas – que ora é tratada com a tentativa de humanizá-la e ora tratada como desvio e chiste, provocando com isso risos perversos e reduplicação da homofobia.

Tentamos observar também como são construídos marcadores de diferença de gênero, raça e regionalidade nessas reportagens, ancorados nas discussões de indivíduo fragmentado (HALL, 2006). Tentando perceber como essas marcas contribuem na reiteração de abjeções e estereótipos.

A metodologia utilizada nessa pesquisa está pautada, sobretudo, na teoria queer. Aqui realizamos análise de discurso, mas não com base nos estudos da semiologia ou de estilos de narrativa, mas sim pela teoria queer. A escolha de tal perspectiva se dá devido à preocupação com os discursos mais ligados às sexualidades dissidentes e sua crítica às categorias sociais e sexuais. E, como ressalta Miskolci (2007), desde a sua gênese essa perspectiva tem a tendência de analisar produtos artísticos e midiáticos – identificando construções discursivas do sexo e do gênero.

Também fazemos uso das teorias do jornalismo para identificar as técnicas utilizadas na produção da notícia e com isso obter embasamento para questionar a abordagem a partir

de um viés não só ligado aos estudos da sexualidade, mas também pela própria maneira como os fatos são discutidos ou invisibilizados nos programas.

### **“Eu posso dar o prazer que ele quiser!” – Descrevendo narrativas**

Essa parte do trabalho se deterá a descrever os objetos de análises, de maneira que serão destacadas falas e relatos - algumas delas parafraseadas e outras *ipsis literis*. É uma maneira experimental de descrição e consiste num modo de tentar esmiuçar o lócus da pesquisa e fazer uma análise apurada em um capítulo posterior, articulando a descrição feita com as bibliografias adequadas. Nesse sentido, descreveremos aqui somente as partes dos programas que dizem respeito às travestis.

Os programas analisados não as têm como objeto central. As edições observadas tratam sobre prostituição – e indicia, de certa maneira, o estigma sócio-midiático de que toda a travesti trabalha com prostituição. Dessa maneira, é necessário que se faça perceber como elas são tratadas nesse tipo de contexto, quais os discursos são utilizados para abordá-las e questionar o porquê dessa vinculação estrita com a prostituição.

Em termos de linha editorial, os três programas tratam de assuntos da contemporaneidade – alguns um tanto quanto excessivamente comuns na mídia, como o caso das drogas, violência, alimentação. Os programas acompanham de perto o cenário que analisam em suas reportagens e em alguns casos propõem aos profissionais de jornalismo que vivam o papel descrito nas matérias. Essa é uma tendência jornalística que se aproxima da tentativa de humanizar a reportagem, dando um tratamento diferente aos entrevistados, com um enfoque mais humano e personificado. Poderia ser considerado como jornalismo literário ou talvez investigativo.

A edição analisada do *Profissão Repórter* corresponde ao dia 25 de maio de 2010. O tema geral do programa era prostituição e nele os repórteres acompanhavam a rotina de garotas de programas e de travestis que se prostituem. As reportagens referentes às travestis foram realizadas por Felipe Suhre e tem como pano de fundo o Rio de Janeiro e mais especificamente a região da Lapa.

O repórter elegeu uma persona principal para ilustrar a reportagem e também para lhe fornecer acesso a outras travestis. A imagem central é de Luana - uma travesti branca, loira, que se prostitui no Rio de Janeiro, e que aceita carregar um microfone portátil para registrar as conversas que ocorrem naquele cenário.

As primeiras imagens veiculadas de Luana são as do seu andar - expondo o corpo delineado por um vestido preto curto com detalhes rasgados ao lado, num andar a mostrar as nádegas avantajadas, que farfalha diante do vídeo. Logo em seguida, a travesti já é mostrada numa postura agressiva. Ela questiona o motivo de um transeunte está fotografando-a. Aos gritos, Luana exige que o homem apague as fotos da câmera e diz que as pessoas são desrespeitosas com as travestis ao pensarem que "travesti é bagunça". Após isso, ela pede desculpas ao repórter por alterar o seu comportamento.

De agressiva, Luana passa a conselheira - segundo informações contidas no conteúdo do programa, "ela é uma líder para 'os' travestis da Lapa". A reportagem a mostra dando conselho a outra travesti que se prostitui sobre o uso de silicone. Depois, Luana convida o repórter para conhecer a história de duas travestis que são irmãs. Felipe Suhre questiona se sempre tiveram desejo de ser travesti e uma delas responde "Sim, sim. Graças a Deus hoje eu sou como eu sou". Luana intercede expondo que deu conselhos às duas irmãs falando que o trabalho com prostituição é um trabalho árduo.

O primeiro bloco que trata sobre as travestis que se prostituem encerra com o relato do repórter afirmando que era fim de noite e Luana ainda não tinha conseguido fazer um programa.

Na segunda parte da reportagem, o repórter vai a um casarão habitado por algumas travestis. É chamada atenção para o fato de Luana ser a dona do local. No casarão moram doze travestis, e o repórter pede para conhecer o lugar - acompanhado de perto de Luana. As outras travestis temem a câmera por não estarem desarrumadas. Ao chegar à cozinha o repórter conversa com um transgênero que mostra a carne cozida na panela. O texto relata: "Na cozinha, Silvão - única mulher da casa - prepara o almoço".

O repórter, Luana e algumas travestis saem do prédio em direção a uma padaria. É dada a voz a um comerciante que afirma não saber como tratar travestis - se as chamam de

"senhor" ou "senhora". Aos risos, Luana afirma que a regra é chamar de "ela", pois sua imagem é feminina, mas que cada um tem sua opinião própria em relação ao corpo das travestis.

A próxima imagem já é a de Luana em casa, se produzindo para ir trabalhar com prostituição à noite. As imagens exploram o ambiente em que Luana está, mostram suas jóias, seus perfumes, bolsas. E ela afirma: "A mulher que habita em mim não é diferente das outras. Tudo importado. Trouxe tudo do exterior". O repórter, em voz off, relata que Luana vai três meses por ano para a Itália, enquanto as imagens mostram fotografias dela no país.

A garota de programa sai de casa, trajando um vestido preto, uma bolsa grande e com um cigarro aceso na mão esquerda. Questionando a outra amiga se trouxe camisinhas para distribuir.

"Muitos táxis circulam na noite agitada da Lapa" - começa assim um novo bloco sobre as travestis que se prostituem. Luana relata que existem atendimentos à domicílio, em que clientes preferem, por uma questão de privacidade, manda buscar a "boneca" que costuma fazer programa com o mesmo parceiro. A reportagem mostra o fluxo de carros e as travestis que estão trabalhando com prostituição naquele local afirmam que é um movimento rotineiro e que no final, acabam ficando com alguma delas.

O repórter Felipe Suhre tenta uma aproximação com algum cliente. Mas, não consegue obter êxito. O homem que é abordado afirma "Não, eu não tô aqui procurando nada não, entendeu?". Essas afirmações são contrastadas logo após com imagens do homem entrando em um hotel acompanhado. Suhre afirma que o grande desafio dessa reportagem é a aproximação com os clientes das travestis que se prostituem.

A cena muda e mostra Luana conversando com amigas de trabalho. "São duas e meia da manhã e a Luana ainda não conseguiu atender um cliente" - relata o repórter. Ela vai resolver problemas com outras travestis que trabalham naquele cenário. Chama duas delas para conversar e afirma que a "esquina para travesti não é brincadeira. É o nosso ambiente de trabalho". Luana lamenta não ter conseguido nenhum programa, novamente, na noite.

A imagem é cortada com a chamada para o próximo bloco do programa: "No próximo bloco, nossa equipe leva um susto na noite carioca". O programa retorna do intervalo com as imagens de Luana. "Terceira noite de reportagem. São quatro da manhã e Luana ainda não fez nenhum programa". As imagens mostram a travesti conversando com um cliente. O homem parece ébrio e Luana questiona se ele está em condições de fazer sexo. "Você está conseguindo raciocinar ou você está passando mal? Ou você está de gracinha?". O repórter destaca que acompanhou o diálogo por vinte minutos, sem interferir.

Luana e o cliente em potencial atravessam a rua, era o primeiro programa dela naquela noite. Ao atravessar a avenida, o homem afirma que não vai a lugar nenhum. Ela questiona se o suposto cliente a tirou do ponto dela à toa. Após isso, começa um plano sequência de imagens com Luana batendo no homem, empurrando sua cabeça com força numa porta de metal, dando chutes em sua barriga e questionando "Tá pensando que travesti é bagunça?!". O repórter e o "chefe" do programa, Caco Barcelos, conversam no estúdio vendo as imagens. "Caramba, é impressionante essa cena." relata Barcelos. Após isso, mostra-se a imagem que Luana desabafando com o repórter Felipe Suhre e a imagem é intercalada com o diálogo do repórter e seu chefe. O último sentença: "Eu achei um pouco covarde. Pelo estado que estava o cliente dela, né?!". Suhre intercede falando que essa talvez fosse uma forma de se defender: "Ela sabia que estava sendo gravada, sabe? Eu acho que tem isso. Ela fala: 'Ah, esse ainda nunca mais vai tirar onda com travesti' e ela quer dizer para todo mundo". Assim se encerra a parte que narra sobre as travestis no *Profissão Repórter*.

Em *A liga* o programa começa indagando: "Mas, o que leva alguém a ter o sexo como meio de sobrevivência?". Essa edição foi veiculada no dia 15 de junho de 2010. O repórter que faz as reportagens acerca da vida de prostituição travesti é Rafinha Bastos.

Na introdução ao assunto, o programa expõe: "Existem muitos que chegaram ao mercado do sexo pela discriminação". Começa-se, então, a falar sobre as travestis que se prostituem.

De dia, Rafinha Bastos está no bairro do Bixiga, em São Paulo. Ele vai entrevistar oca, uma pessoa – que segundo o texto – passou por muitas transformações na vida. No

apartamento 920, uma travesti negra, de cabelo curto preto, fumando, o atende.

Repórter e entrevistada põe-se a conversar e Coca expõe sua história. O programa conta a vida da personagem que é travesti desde os dezoito anos e que saiu de Olinda e foi para São Paulo com o objetivo de terminar a transformação do seu corpo. “Mas, a dificuldade de arrumar um emprego sendo travesti fez com que ela caísse no mundo da prostituição” – discorre uma das vozes off do programa.

Rafinha Bastos e Coca saem à rua para conversar. Encontram Ana Livia, segurando uma sombrinha que a protege da chuva, com cabelos loiros, branca, trajando blusa curta e um casaco rosa. Livia está indo trabalhar na Cidade Universitária. Na legenda de *A liga*: “Ana Livia – Travesti”.

O repórter questiona a altura de Livia, ela responde 1.83 e ele afirma que ela é muito grande. Rafinha Bastos inquire quanto ela costuma ganhar por dia. Ela responde que o máximo que já conseguiu foi R\$ 1.500. Após isso, sorrindo, Bastos pergunta se tem uma vaguinha para ele. Mas, depois afirma que ele não tem cara de travesti e que ele seria “o primeiro travesti judeu do mundo”. Com um beijinho o repórter se despede de Ana Livia que pega o ônibus para ir trabalhar.

Coca e Rafinha Bastos continuam andando. A travesti diz que o melhor horário para trabalhar é a noite, pois “a noite é legal, tem muita gente bonita. A noite é uma fantasia, é tudo de bom”.

Acontece o corte da imagem e a voz de Rafinha Bastos se faz presente: “O trabalho sexual sempre foi tachado como uma atividade marginal, ligada às drogas, à violência e que deveria ser isolada da sociedade. Mas, se não existisse clientes, não haveria garotas de programa. Então, quem são as pessoas que pagam por sexo?”.

O programa faz um mapa do sexo em São Paulo e traz o dado que expõe a região do Jockey Clube de São Paulo, a Avenida de Indianópolis e nas proximidades da Boca do Lixo como ambientes onde travestis se prostituem.

A volta de narrativas sobre as travestis acontece na casa de Coca – em que algumas de suas amigas vão se arrumar para trabalhar. Rafinha Bastos conversa com Lara. Ela conta

histórias de sua vida na prostituição e relata que não gosta de fazer sexo por dinheiro. Lara fala que é perigoso trabalhar na noite e que desejava trabalhar com outra coisa, mas, que “Deus dá vários dons a gente, mas a gente segue outros caminhos”.

Rafinha Bastos acompanha Coca e as outras meninas na noite. Logo quando chegam, conseguem arranjar clientes. Após isso, Bastos vai conversar com outras pessoas que estão naquele local da Avenida de Indianópolis. Encontra Gabi, que o programa coloca como transexual. Ela é loira, branca, traja uma calcinha preta, sutiã e um bolero preto. Além do salto alto, que Rafinha Bastos chama a atenção para o uso, por Gabi ser muito alta.

A transexual afirma que faz dez a doze programas por noite e que “se você for uma boneca luxuosa que ofereça glamour pra eles, eles vão pagar bem”. Gabi afirma gostar do que faz porque ela tem o que quer: casa, aceitação da família, carro, apartamento, viagens para Europa. Ela relata que é operada e que não faz mais a posição ativa na hora do sexo. Narra também que uma trans que trabalha com sexo nunca abandona essa profissão para ter outro emprego que não ganha muito.

Rafinha Bastos chama atenção para o fato de aquele local já está consolidado como um lugar de prostituição de trans e que as pessoas não se incomodam com a presença da câmera. Segundo ele, resta agora as pessoas se acostumarem com esse quadro.

No bloco seguinte, Rafinha Bastos entrevista travestis que se prostituem na Rua Augusta. Ele indaga qual foi a experiência mais estranha que um delas já tiveram. “Tem uns gostos muito estranhos, depois dizem que eu que sou esquisita.”, responde uma travesti.

Logo em seguida, o repórter está novamente na casa de Coca. Ela mostra preservativos e expõe que faz trabalhos sociais sobre os perigos da sua profissão. O programa traz que a informação que muitas das travestis moram juntas, como se fossem famílias. Coca relata que encontram problemas em relação a moradia por serem travesti e também por trabalharem com sexo. Elas não têm carteira assinada, é exigido fiador, documentos completos e, além disso, agem preconceituosamente.

Coca sai de sua casa na companhia de Rafinha Bastos para visitar uma amiga. “Márcia – Travesti”, morena, oriunda de Belém, vestida com um roupão branco, mora em



São Paulo desde 1995. Ela exhibe seus seios no vídeo, colocou prótese e fez uma tatuagem com seu nome acima de um deles. Coca também mostra os seus seios e confessa que fez o dela em casa, de maneira artesanal e perigosa, com silicone industrial, sem prótese e sem cirurgia.

Na volta do bloco, o programa traz informações sobre os corpos das pessoas que se prostituem. “O corpo é a vitrine dos trabalhadores sexuais. Quanto mais bonitos, mais clientes e mais dinheiro. Por isso é preciso investir. Os travestis aplicam silicone e tomam hormônios para ficar mais femininos [...]”

Rafinha Bastos reitera que no mercado de corpos não existem espaços para sentimentos, culpas e a vontade de negar um programa. Coca confessa que já foi alcoólatra viciada em droga para conseguir encarar a sua realidade. Por causa das drogas, Coca diz que foi para cadeia duas vezes e que o tratamento com ela na cadeia foi melhor do que na rua.

Na noite, as meninas se reúnem para se produzir antes de ir trabalhar. E Rafinha Bastos vai conferir uma dessas noites de produção. As travestis que se prostituem estão reunidas, preparando suas roupas e maquiando-se para ir trabalhar. Ele pergunta a uma delas como elas se anunciaria num jornal. A resposta: “Lara, 21 anos, bem feminina, os homens que me procurar não vai se arrepender”. Logo após, Lara afirma que pode dar de tudo para um homem, que é bem dotada e safada. Quando perguntada se usa o seu “clitóris” (gíria para denominar pênis, como elas mesmas explicam no vídeo) nas relações sexuais, ela afirma que é bem feminina na hora do sexo, mas que também sabe ser masculina porque ela tem que saber usar de tudo. Após isso, Lara atende uma ligação. Marca com um cliente para a noite do dia seguinte.

*Conexão repórter.* Dia 15 de julho de 2010. O tema: Clubes secretos. Com um tom de reportagem policial, indiciado pela voz e pela trilha sonora, o apresentador do programa afirma que essa edição do programa tenta desvendar os mistérios da noite. Um ar de investigação é trabalhado em toda a edição do programa. Seja pela escuridão de seus ambientes e o uso da câmera escondida, seja pela maneira como a narração é desenrolada. O programa é conduzido pelo jornalista Roberto Cabrini.

"Infiltramos nossa produtora pela noite de São Paulo. Mariana - nome fictício - conhece histórias de travestis. São depoimentos surpreendentes." - Assim o apresentador do programa faz a chamada para a questão das travestis no programa. Logo em seguida, as imagens que são mostradas oculta o rosto da produtora que sai da redação do jornal em direção ao carro, que a leva para o centro de São Paulo.

A primeira história é de Bianca - travesti que se prostitui na capital paulista, oriunda de Fortaleza. Loira, alta, branca, 24 anos, está em pé com a porta do seu carro aberta. Traja um biquíni vermelho na hora que é abordada pela repórter do programa. Tudo é registrado com microfone e com câmera escondida. O depoimento de Bianca é cortado pela voz de Roberto Cabrini: "Nas ruas conhecemos histórias de pessoas exploradas, enganadas". Depois disso, a fala da primeira entrevistada volta. Ela confessa que já foi explorada e agredida por cafetinas. A conversa com a produtora/repórter anônima é interrompida pela chegada de um carro.

Bianca se dirige ao automóvel e volta para a conversa. Diz a repórter que faz de oito a dez programas por dia e se for um dia bom que ela sai do trabalho cedo - por volta de meia-noite. "É um bom trabalho, então, não é?!" - indaga a repórter. Bia afirma que ganha até 9 mil reais por mês no trabalho com sexo.

"Eu acho que é um trabalho que é digno porque a gente está ganhando um dinheiro suado. [...] Mas, tem que ser profissional". Expõe Bia. Ela é questionada se uso "o seu membro" - com as palavras da produtora/repórter. A resposta é dada. "Se o homem enxerga a gente não como mulher. Como um objeto sexual. Assim, como se fosse um símbolo sexual. No supermercado, o homem olha para a gente. Muito homem pode está acompanhado de uma mulher. Mas, ele está olhando com outros olhos. Sempre com os olhos de querer ficar. Pode olhar e dizer: 'olha que coisa triste'. Mas, não é não. Eles querem outra coisa. Eles acham bonito".

Bianca conduz a equipe do programa a outro ponto onde travestis que se prostituem trabalham. A repórter juntamente com uma das travestis que estavam a procuram de clientes naquele local se dirigem a um carro - onde conversam com um cliente. Ele indaga se a repórter é travesti e se é mulher.

Após esse diálogo, a equipe do programa vai a outro local da cidade de São Paulo. O trajeto é interrompido. A voz de Roberto Cabrini se faz ouvir na reportagem: "Aqui o flagrante! Esse travesti cheira cocaína no meio da rua". Ágata. Loira, alta, branca, usa um top e uma calça justa. Nos pés, saltos altos pretos. No quadril um volume proeminente. Seios fartos. Ela aceita carregar o microfone na sua bolsa para que se registre as conversas com os clientes.

O primeiro deles chega em um carro, acompanhado de outra pessoa, pergunta se acontece um sexo a três. Ágata afirma que a sessão ficaria pelo dobro do preço e os homens não aceitam. As imagens seguintes são de duas travestis que se prostituem cheirando cocaína. A repórter narra que elas utilizam esse tipo de artifício para driblar o frio da noite paulistana.

Em outro local, outras travestis que se prostituem. E com isso, outros depoimentos. Uma delas conta sua história de vida. A família sabe que ela é travesti, mas não sabe que trabalha com sexo. Morena, cabelos lisos grandes, trajando top e calcinha, professora por formação - mas nunca lecionou por sofrer preconceito no seu estado de origem: Piauí. Conversam sobre sua renda mensal. Ela confessa que comprou o carro onde está encostada com o dinheiro que ganhou trabalhando na Europa. E depois afirma: "A maioria dos clientes quer que a gente seja ativa. Eles gostam de um diferencial. Uma mulher com algo a mais".

Mais um bloco se encerra. "Seguimos para a zona sul de São Paulo. Logo encontramos Deise. Travesti. Em um carro, com uma câmera escondida, vamos registrar as abordagens". Morena, cabelo curto, veste um corpete e uma calcinha preta. No final da cobertura do programa, Deise recebeu 13 abordagens, faz 8 programas e ganha R\$ 600. "É uma constatação. Seus clientes são preferencialmente homens casados. Que com as travestis atuam como passivos." - descreve Roberto Cabrini.

No final do programa, o apresentador apresenta uma reflexão. "Não será este o momento para o país pensar sem demagogia uma estrutura para abrigar o mundo da prostituição? O modelo atual beneficia apenas dois tipos de personagens: O dos policiais corruptos - que praticam extorsão - e o dos exploradores - exploradores de garotas que não

tem menor proteção."

### **“A regra é chamar de ‘ela’, não é?!” – Uma análise a partir da perspectiva queer**

Para analisar todo o material recolhido, se faz necessário uma maneira específica de observar os desdobramentos e chegar a conclusões plausíveis sobre o assunto. O objetivo desse trabalho não é simplesmente falar sobre a abordagem da sexualidade travesti nos três programas, mas também prestar atenção em marcadores de diferenças - nesse caso, a entender raça, performance de gênero e comportamento, além da regionalidade.

Mas, antes de fazer isso, é necessário que tenhamos em mente a concepção de performatividade - para entendermos como os corpos são datados culturalmente e também para notarmos o papel da mídia na reiteração de discursos normativos.

Butler (2000) chama atenção para o fato da diferença sexual nunca ser formada apenas pelo fato de uma materialidade corporal. Mas, também como um produto de uma prática discursiva. O "sexo", então, não está condicionado a uma condição imutável de um corpo, e sim a um processo que é submetido à normas regulatórias que o materializa e o produz, através de repetições ritualizadas dessas normas. Então, um caráter performativo tem poder continuado e por meio da repetição produz aquilo que nomeia. Mas, a teórica chama atenção para o fato de que os corpos nunca se conformam completamente às normas regulatórias. Dessa maneira, nunca aderem de forma integral às materializações que lhes são impostas.

Pensando dessa maneira que notamos uma tradição heteronormativa - em que a heterossexualidade é tomada como um dado natural, logo seria legítima normal. Diante disso, aquelas pessoas que transgridem a norma sexual são jogadas na sarjeta social, datando-as de anomalia, patologizando-as e criminalizando suas sexualidades - haja vista, a normalidade da heterossexualidade. Miskolci (2003, p. 109) contribui para esse debate quando traz a noção de que "a normalidade tem história" e que ela é resultado de discursos e práticas sociais já convencionadas. Mas, distante de ser um dado natural, a heterossexualidade também é uma construção social. Como destaca Berenice Bento “a heterossexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, inscreve-se reiteradamente através de operações constantes de repetição e de re-citação dos

códigos socialmente investidos como naturais” (BENTO, 2006, p. 2).

Além disso, nos cabe destacar aqui - de maneira resumida, incompleta e rasa - dois dispositivos sociais que a teoria queer e nós criticamos intensamente: A heterossexualidade compulsória - que seria a necessidade de todos as pessoas serem heterossexuais - e também a heteronormatividade - que enquadra até aqueles seres supostamente inaceitáveis no modelo de heterossexualidade tradicional, com família, filhos e reincidente no binarismo macho/fêmea, ativo/passivo.

Desse ponto, partimos para algumas considerações sobre travestilidades. Afinal o que é ser travesti? O que determina? Larissa Pelúcio (2005) em um dos seus escritos expõe que ser travesti é algo que não tem fim, é um processo continuado. Mas, como a teórica ressalta, algumas etapas perpassam a formação do corpo e da identidade travesti. A primeira é quando o gay assume sua não-heterossexualidade para a família. A fase seguinte é quando começa a "montar-se"; depois num terceiro momento é a "transformação" - nesse período há nuances que podem ir desde a depilação e a vestir-se mais constantemente como mulher, até a ingestão de hormônios. Por fim, a quarta etapa, quando já se é travesti, que além de tomar hormônios e a todo momento está vestido com roupas femininas, pretende injetar silicone nos seios e nas nádegas. Pelúcio ressalta, contudo, que são poucas as que conseguem essa transformação de forma tão apurada.

Apesar de ser uma das possíveis sexualidades, a travestilidade sempre é representada na mídia intimamente ligada à prostituição, às drogas e a um submundo que é constantemente desumanizado. Pelúcio (2005, p. 233) mostra que a prostituição para as travestis podem ser entendida de formas diferentes. “(1) como uma atividade desprestigiada, com a qual só se envolveriam por necessidade, saindo dela assim que possível; (2) como uma forma de ascender socialmente e ter conquistas materiais e simbólicas; (3) como um trabalho, sendo, portanto, geradora de renda e criadora de um ambiente de sociabilidade”.

A partir daqui, analisaremos alguns aspectos acerca da travestilidade suscitados pelos objetos de análise. Separaremos em tópicos alguns fatores que queremos destacar - leia-se gênero/comportamento; raça/produção corporal; classe/regionalidade. Por fim, à luz de algumas teorias do jornalismo, faremos um resultado sobre a abordagem jornalística das travestis nos três programas.

## 1) Gênero/Comportamento

As travestis mostradas em todas as reportagens desestabilizam uma linha coerente entre sexo e gênero. Mas, ainda que isso aconteça são reforçados alguns conceitos que por si só são normativos. Ainda reiteram binarismos - como os relatos de Lara em *A liga* e de uma das travestis que se prostituía em *Conexão Repórter*, quando fala sobre a abordagem de homens em supermercados por exemplo. Dizem que são femininas, mas que dão prazer ao homem sendo também ativas. Apesar de ser um paradoxo, é interessante pensar que "é somente pelo paradoxo que elas podem expressar seu conflito com as normas de gênero vigentes. O paradoxo é a condição de sua ação (ou agência)." (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p. 261)

As travestis mostradas nos três programas reforçam concepções que polarizam novamente a sexualidade através de artifícios já convencionados como pertencentes ao masculino ou ao feminino - a entender, ativo/passivo, força/sensibilidade. O comportamento das travestis está associado ao que foi convencionado a ser feminino. São sensíveis nas abordagens, delicadas e se tratam sempre com artigos e adjetivos no feminino. No programa *A liga* percebemos que o repórter Rafinha Bastos - que é oriundo do ramo do humor - ironiza com a altura e o tamanho dos pés das travestis. Percebe-se que existiu uma tentativa de ainda associá-las ao masculino, apesar de toda sua transformação corporal e da prática identitária feminina. O que é transgressor ou é colocado no ramo do anômalo ou é colocado no campo do normativo. E percebemos isso nessa passagem do programa.

Uma discussão que aqui poderia ser feita - quanto ao comportamento - é a de Luana, mostrada no *Profissão Repórter*. Os socos e chutes dados num cliente em potencial foram gravados, veiculados no programa e postado na internet. O vídeo tem milhares de acessos no site You Tube. Os comentários do vídeo ora criminalizam a atitude de Luana, ora expressam o riso dos espectadorxs. Um indício da popularidade desse vídeo é o uso da frase da travesti, que se tornou um bordão dentro da comunidade gay: "Tá pensando que travesti é bagunça?!". É interessante pensar que os risos suscitados a partir do vídeo podem ser de identificação com a *fechação* de Luana, mas também pode vir no sentido do abjeto. Do riso que recrimina e que rechaça a sexualidade da travesti, que pergunta: "Quem ela está pensando que é? Ela é 'apenas' uma travesti..."

A própria equipe reportagem do programa ficou chocada com a atitude de Luana. Mas, por que as imagens foram veiculadas se são tão chocantes? Por que não existiu o compromisso com a salvaguarda do público - como indicam os manuais de jornalismo? Questionamos também até que ponto a interferência da reportagem naquele cenário colaborou para aquela atitude de Luana. Como o próprio repórter Felipe Suhre notou e comentou com o seu "chefe", Caco Barcelos: "Ela sabia que estava sendo gravada, sabe? Eu acho que tem isso. Ela fala: 'Ah, esse ainda nunca mais vai tirar onda com travesti' e ela quer dizer para todo mundo". Para além desse fator, nos perguntamos o porquê de não mostrarem e/ou ressaltarem na reportagem a intensa violência que as travestis que se prostituem ou não sofrem na sociedade brasileira. Isso também é uma questão de comportamento e que toca a prática do trabalho sexual das travestis.

## **2) Raça/produção corporal**

As travestis mostradas nos programas são, sobretudo, loiras, brancas, altas, com investimento cirúrgico. Corpos esculturais, nádegas avantajadas e seios fartos. A exceção delas é Coca - a personagem principal mostrada pelo programa *A liga*. Coca é negra, tem cabelos curtos, usa peruca para trabalhar, é mais magra que as outras, tem seios com silicone industrial e um quadril largo.

Pelúcio e Miskolci (2007, p. 262) relatam que muitas das travestis buscam significar seus corpos de maneira que possam fugir da abjeção. Conforme o que foi mostrado nos programas, entendemos, então, abjeta como sendo aquela travesti que foge do padrão de beleza branco, europeu, glamourizado pela mídia, e que não goza de uma gestualidade delicada e sensível, além de não ter luxo no vestir.

As travestis buscam "se passar por mulher", mas a mulher que querem "se passar" já é uma mulher hegemônica. É uma transformação infinita em busca da perfeição corporal - em que estão embutidas aí as questões raciais, latentes na sociedade contemporânea, que hierarquiza os sujeitos conforme marcadores de diferenças sociais (além da raça, classe, geração, regionalidade). Nesse sentido, se sou uma traveca, preta, pobre e um tanto quanto masculina, vou ser "menos humana" que uma top trava, "européia", branca, loira, com corpo bem delineado, sem exageros físicos, com gestualidade mais associada ao feminino. Não podemos pensar, nesse sentido, em uma construção de gênero sem variáveis sociais

que tangenciam esse processo.

### **3) Classe/Regionalidade**

É um ponto interessante a ser observar. Todas as travestis que foram perguntadas sobre sua origem geográfica, disseram ser oriundas de outras regiões fora do eixo Rio-São Paulo. São pessoas que vem do Norte e do Nordeste do Brasil.

Colocamos aqui os tópicos classe e regionalidade juntos por acreditar que esses dois fatores estão intimamente ligados. Em busca de uma vida melhor ou talvez da fuga do preconceito em suas famílias e cidades, as travestis buscam uma ascensão social no sudeste. Muitas delas, como explicitado nas reportagens, “fazem-se mulher” quando chegam ao sudeste.

### **4) Abordagem midiática**

A edição do programa *Profissão Repórter* que foi analisada aqui causou polêmica e sucesso na internet. Luana ficou conhecida em todo o Brasil pela sua fala peculiar, seu jeito de ser e também por mostrar que “travesti não é bagunça”. Mas, ao mesmo tempo, o programa estandardizou a abjeção travesti sem discuti-la. Ou seja, a humanidade de Luana é negada no dia-a-dia, mas essa condição dela não foi debatida no programa de forma a contribuir no combate à homofobia. Pelo contrário, reforçou o estigma da travesti como criminosa e violenta. “Vemos o uso do abjeto para a produção de risos perversos e para conquistar a atenção da audiência heteronormativa.” (SANT’ANA, 2010, p. 14)

Acreditamos que as cenas de violência veiculadas pelo *Profissão Repórter* anula todo o processo de tentar humanizar as travestis, de mostrar o cotidiano delas e sua vida longe de ambientes noturnos – ainda que prevaleça as cenas nas esquinas das ruas.

*A liga* é o tratamento jornalístico que mais se aproxima do ideal – apesar das críticas à maneira ainda debochada com que o repórter Rafinha Bastos aborda algumas travestis. Há uma vinculação da travestilidade com a prostituição e ao dinheiro. Nas legendas do programa, a profissão e a sexualidade das travestis são confundidas. A profissão ligada ao trabalho com o sexo é esquecida para que se destaque a orientação sexual. Então, no lugar



de “garota de programa”, “travesti”.

No início do programa questionam “Mas, o que leva alguém a ter o sexo como meio de sobrevivência?” e no decorrer do programa, acreditamos que *A liga* deixa claro que é a discriminação que levam travestis a se prostituírem. Percebemos também que o tom do programa trás as travestis para o dia, para o cotidiano próximo, que de certa maneira, humaniza e mostra que a travestilidade deve ser respeitada – independente de serem garotas de programa ou não. Tentam mostrar que as travestis agem de forma cidadã tentando conscientizar outras travestis que se prostituem – isso é explicitado também pela personagem principal da reportagem, Coca.

*Conexão repórter* nos faz mergulhar num programa de tom policial. A trilha sonora, o timbre da voz do apresentador. A prostituição é criminalizada, as travestis se tornam objetos sexuais dos *homens de verdade*. Se em *A liga* existe a vontade de mostrar as travestis em seu dia a dia, *Conexão repórter* insiste no estigma da travesti noturna – como se a vida dessas pessoas se restringisse ao período da noite.

O próprio uso da câmera escondida dá um tom de proibição e pânico ao programa. Os cenários são como espaços proibidos, visitados somente por pessoas violentas e não-humanas.

Podemos perceber que existe um enquadramento das reportagens que vinculam as travestis ao trabalho com sexo e ao dinheiro.

Tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com enquadramentos que nos permitem responder à pergunta: “O que está ocorrendo aqui?”. Nesse enfoque, enquadramentos são entendidos como marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações sociais. (PORTO, 2004, p. 78)

Nota-se que o sentido dados à situação social da travesti é o da abjeção. Se apropriando também desses conceitos do jornalismo, podemos propor que o enquadramento das reportagens fosse outro – mesmo se tratando do tema prostituição – mais ligado ao combate à homofobia e a discriminação. Ficam alguns questionamentos: Será que é interessante falar sobre as travestis sem discutir a temática? Só mostrar uma vez basta? Dá visibilidade acaba com a discriminação?

Podemos pensar também que o jornalismo trabalha com representação. E, a partir de uma visão pós-estruturalista desse fato, podemos perceber que “a representação inclui as

práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos” (WOODWARD, 2009, p. 17). Dessa maneira, significados produzidos pelas representações dão sentido àquilo que somos, porque vemos no que é mostrado uma imagem do que *sou* e do que *não sou*. Assim, os sistemas simbólicos tornam possível o que podemos nos tornar. Diante desses fatores, a televisão também é uma forma de divulgação de possíveis sexualidade. Mas, há que se analisar como essas sexualidades são mostradas e quais ideais e estigmas estão embutidos nelas.

Partindo desse último princípio, que pretendemos aqui discutir a visibilidade travesti na mídia, e esse artigo tem a finalidade e se justifica no fato de tentar empoderar as trans, respeitando a maneira como desejam ser chamadas, valorizar a maneira como "produziram" seus corpos, a sua paródia ao feminino - e por que não ao masculino? Consideramos que estudar representações e falar sobre não-heterossexuais, utilizando como base a teoria queer, é também uma maneira de fazer política - diferente daquelas dos movimentos LGBTs vistas pelo Brasil.

Teoria e prática estão indissociadas e pretendemos dessa maneira contribuir para o debate da descriminalização/despatologização/desmedicação/desaidisficação das sexualidades dissidentes e do combate à homofobia.

### **Referências Bibliográficas**

BENTO, Berenice. *Corpos e Próteses: dos limites discursivos do dimorfismo*. [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Berenice\\_Bento\\_16.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Berenice_Bento_16.pdf). 2006. Acesso em 17 de julho de 2009

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

MISKOLCI, Richard. 2003. *Reflexões sobre normalidade e desvio social*. Estudos de Sociologia. Ed. 13/14. pp.109-125.

MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da*

normalização. 2007. Disponível em <[http://www.alb.com.br/anais16/prog\\_pdf/prog03\\_01.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf)>. Acessado em 18 de julho de 2010.

MISKOLCI, Richard; PELUCIO, Larissa. *Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis*. 2007. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/richardmiskolci/paginas/academico/cientificos/foradosujeito.htm>>. Acesso em 03 de maio de 2010.

PELUCIO, Larissa. *Na noite nem todos gatos são pardos*. Notas sobre a prostituição travesti. Cadernos Pagu. Ed. 25. Julho-dezembro de 2005. pp. 217-248.

PORTO, Mauro. Enquadramento de Mídia e Política. In. RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *Comunicação e Política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004.

PRINS, Baukje, MEIJER, Irene Costera. *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*. In: *Revista Estudos Feministas*. Volume 10, número 1, Florianópolis, janeiro de 2002, pp. 155-167.

SANT'ANA, Tiago. *Pet Sounds - As bichinhas na praia dos beach boys: A homossexualidade na telenovela Três Irmãs*. In: VI ENECULT - Encontro Multidisciplinar de Estudos em Cultura, 2010, Salvador. CD-ROM Anais VI ENECULT, 2010.

SANT'ANA, Tiago. *Leo Kret do Brasil - A rainha da fechação: Um corpo estranho nas notícias das eleições de Salvador*. In: II EBECULT - Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 2009, Feira de Santana. CD Anais II EBECULT, 2009.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução: uma introdução conceitual*. In. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. (org.) Tomaz Tadeu da Silva. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.